

REVISTA DE AGRICULTURA

DIRETORES :

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE ENSINAMENTO
TEÓRICO E PRÁTICO



† Prof. N. Athanassof
Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
† Prof. Carlos T. Mendes
Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Vol. XXX

Julho a Dezembro

N. 7 a 12

UMA VIDA DEDICADA À ZOOTECNIA

ATHANASSOF

OCTAVIO DOMINGUES

A três de agosto, extinguiu-se o Prof. Nicolau Athanassof, em Piracicaba, S. Paulo, cidade que êle adotou, como sua.

Foi uma vida de dedicação à sua carreira, e de dignificação da Cátedra, que durante 35 anos ocupou, no cumprimento de um dever, sem jamais demonstrar cansaço.

Quando emprego a palavra “dedicação” como uma característica do prof. Athanassof, cuja morte estamos pranteando — não é apenas como uma figura de retórica. Ele dedicou-se à Zootecnia mais do que nós outros, porque não repartiu sua vida, como nós o fizemos, constituindo um lar, que nos absorve muito do nosso esforço e do nosso tempo.

Seu tempo e seus esforços foram totalmente dedicados à Zootecnia, porque não os dividiu com uma espôsa e filhos. Não tendo casado, sua dedicação pôde ser completa aos problemas da nossa pecuária, que êle estudou e conheceu como ninguém.

Do mesmo modo, quando digo que o prof. Athanassof dignificou a Cátedra, que ocupou na “Luiz de Queiroz”, é que esco-

lhi muito de propósito a expressão para caracterizar o homem que êle foi. E a dignidade do magistério é uma característica essencial para o professor, porque nada mais prejudicial aos moços do que a falha na dignidade de seus mestres. Um mestre digno nas suas atitudes, digno na qualidade dos seus ensinamentos, digno no julgamento dos seus discípulos — é por certo uma necessidade inerente à posição de professor. Mas nem todo o mestre suporta o grande pêsso, dessa enorme responsabilidade, tôdas as horas.

A popularidade de seu nome é outra feição de sua personalidade. Mas trata-se de uma popularidade no bom sentido, no sentido de estima geral. E isto era uma realidade. Não havia fazendeiro, criador no Brasil, que não conhecesse seus livros, e raros os que não o procuravam por carta ou iam visitá-lo no seu modestíssimo gabinete de trabalho, da “Luiz de Queiroz”.

Como seu Assistente, como Professor Auxiliar de sua Cadeira, e finalmente como seu colega, na Cátedra de Zootecnia Geral, fui testemunha de sua atividade epistolar. Eram ex-alunos seus que, no terreno das realizações, voltavam ao antigo professor, para uma orientação, como a mim mesmo me sucedeu. Eram criadores embaraçados com questões objetivas, que desejavam saber como aplicar a teoria geral do zootecnista.

Lembro-me bem, que um hábito seu, para ganhar tempo, era responder, às vezes, na própria carta do consulente missivista, mandando-lhe o conselho pronto, sintético, seguro, sem rodeios, nem floreios.

Quantos criadores, no Brasil, não terão recebido suas próprias cartas, de volta imediatamente, com a palavra de ensinamento, nela mesma solicitada ?

Essas cartas vinham de perto ou de longe, até de onde a penetração de seus livros levava sua palavra de zootecnista experimentado. Palavra acatada pela feição muito objetiva, que da-

va aos seus ensinamentos. Viajando por êsse vasto Brasil, penetrando pelas remotas fazendas, quantas vêzes não tive a grata satisfação de encontrar o seu famoso “Manual do Criador de Bovinos” como uma bíblia a orientar o criador.

Bom fisionomista como poucos, nenhum ex-aluno seu (e os teve por mais de trinta gerações dêles) o pegou em descuido ou equívoco quanto à sua identidade, seu Estado e mesmo sua terra, ao revê-lo muitos anos depois. Muitas vêzes até o apelido surgia, antes mesmo do nome. E era uma alegria o reencontro. Uma grande alegria, eu bem o sei, porque a experimento como colheita, agora, da minha sementeira, também.

Seu gabinete de trabalho, no antigo edifício da Zootecnia, era uma pequena sala de 3m por 4m, sem a mínima ornamentação. Não lembrava uma cela, porque era iluminada demais pelo sol que batia, nas duas faces, atravessando as janelas e escaudando o ambiente.

Nêsse quase cubículo, êle trabalhou 32 anos ininterruptos, numa secretária também modesta. E mais importante foi que trabalhou e produziu. Ali entrava cedo pelas 7-8 horas; ali atravessava as tardes; e muitas vêzes à noite ainda lá voltava quando um trabalho seu lhe exigia mais continuidade de esforços.

Pelo verão, a temperatura da salinha era de afugentar. No entanto êle se sentia bem ali, não se incomodando absolutamente com o calor. Essa era uma característica sua : preferir o calor ao frio, êle, um europeu; o que veio favorecer sua adaptação no nosso meio, para onde se transplantou com vinte e poucos anos, após formado em Gembloux, Bélgica, por volta de 1907.

Sua adaptação ao Brasil foi a mais completa possível. Adotou nossos hábitos : o cafézinho, o cigarro de palha e até as expressões do nosso linguajar. Só não pôde vencer foi uma coisa — o nosso “r” gutural, dobrado...

Nunca lhe ouvi uma exclamação de saudade, da Europa, onde só foi uma vez, durante quase meio século, que viveu no

Brasil. Radicou-se inteiramente no nosso meio. Era um grande apreciador do nosso sol.

Veio para o Brasil (para S. Paulo) logo depois de formado em agronomia, em Gembloux, na Bélgica, como disse. Isto por volta de 1907. Em S. Paulo, depois de servir no Pôsto Zootécnico, passou a professor de Zootecnia, na então Escola Agrícola "Luiz de Queiroz". Mas em 1910 deixava Piracicaba, indo dirigir o Pôsto Zootécnico, de Pinheiro, R. J. e a Escola de Agricultura ali também instalada posteriormente.

Essa mudança causou nos alunos de Piracicaba justa insatisfação. Sua partida foi motivo para uma grande homenagem de seus discípulos, a julgar pela notícia estampada em "O Solo" (órgão dos estudantes) de maio de 1910. Nessa notícia seu nome de batismo ainda tem o cunho estrangeiro: Nicola. Ao naturalizar-se, em Pinheiro, R. J., entre 1911 e 1912 (não sei bem) foi que passou a chamar-se Nicolau.

Em fins de 1915 ei-lo de novo em Piracicaba, para onde regressou como professor catedrático de Zootecnia, atendendo ao convite que o govêrno do Estado lhe fizera, por sugestão de Moraes Barros, Secretário da Agricultura, e seu grande amigo e apreciador de suas qualidades. A bibliografia do prof. Athanasof não é das mais extensas. Sua característica mais importante é sua feição conceituosa, definidora, porém sempre contida dentro dos limites da ponderação. Nunca foi um adepto irrestrito de qualquer princípio (salvo os da honestidade e honradez) ou de qualquer doutrina prática. Não era amigo dos superlativos...

Foi assim no caso do Caracu, que foi o primeiro a estudar zootecnicamente; foi assim no caso das raças européias; foi assim no estudo dos nossos problemas de manêjo do gado, na Fazenda; foi assim no estudo, a que procedeu, da pecuária do Estado de Pernambuco — modêlo de orientação, de visão e segurança no planejamento. Foi assim, ainda, nos seus trabalhos de alimentação do gado: engorda de suínos e alimentação da vaca leiteira.

No terreno da alimentação foi êle um pioneiro, no Brasil, introduzindo na cátedra e na rotina dos estabelecimentos zootécnicos, que dirigiu, o cálculo das rações, pelo método de Kellner, hoje ultrapassado pela escola americana (mas ainda em uso na Europa). Não tive ainda tempo de apurar (porque somente agora é que surgiu o problema) se o primeiro trabalho, que se publicou no Brasil, sôbre alimentação do gado, é o seu folheto de cunho muito objetivo: "Alimentação dos Equídeos" — Rio de Janeiro — 1913. Mas foi o primeiro contacto do jovem estudante de agronomia, em Piracicaba, que eu era, em 1916 — com a feição eminentemente instrutiva do meu futuro mestre e grande amigo.

E quem afiança essa fôrça de ensinar objetivamente as coisas (que se sente logo à primeira frequentação de seus trabalhos) é o êxito de dois de seus maiores livros: o já citado "Manual do Criador de Bovinos" e o "Manual do Criador de Suínos", ambos em 5a. edição. Cinco edições, no Brasil, de livros ensinando a criar gado! E' qualquer coisa de muito surpreendente, que nos leva a admitir, sem vacilação, o grande mérito dêsses livros mesmos.

Resta agora referir-me ao grande trabalho de diretor da "Revista de Agricultura". Mas me falta espaço, e deixo o assumto para a próxima oportunidade. Tenho muito que contar, com pormenores.

Vou terminar estas linhas, talvez com uma nota amarga, ao dizer que não restam de sua passagem pela "Luiz de Queiroz" duas lembranças materiais que ali bem deviam permanecer. Nem seu gabinete, nem sua casa existem mais.

Mas êle viverá perene nos seus livros, no afeto dos que mereceram sua amizade, na gratidão dos que receberam dêle, no instante preciso, um ensinamento, um conselho para melhor êxito de seus empreendimentos no campo da pecuária.

131

ORLANDO CARNEIRO

Engenheiro pela Escola Politécnica de S. Paulo
Prof. Catedrático da Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz" de Piracicaba, U. S. P.

Construções Rurais

— 5a. EDIÇÃO — 1952 —

Materiais e Peças de Construção — Fundações — Estaqueamentos —
Concreto Armado — Impermeabilizações — Revestimentos Asfálticos
— Organização de Orçamentos — Habitações Rurais — Casas de Ma-
deira e Capelas — Instalações Agrícolas — Instalações para : Bovinos,
Equideos, Suínos, Ovinos, Caprinos, Silos, Aves, Coelhoos, Abelhas, Ins-
talações Rústicas etc. — Sirgaria — Tanques para Peixes — Construções
diversas : Caixas de Água, Piscina, Pontes e Boeiros, Mata Burros, Pos-
tes de Concreto Armado, Porteiras, Fornos para Carvão, para Tijolos e
para Cal, Drenagem, Açudes, Saneamento, Fossas Sépticas, Casas
Prefabricadas, etc. — Descrição, Desenhos detalhados e Fotografias

UM LIVRO COMPLETO

A VENDA NAS BOAS LIVRARIAS — PREÇO : Cr\$ 500,00

PEDIDOS :

Av. Bernardino de Campos, 186 (Paraiso) — Tel. 31-2972 — S. Paulo

IMPORTANTE !

"CITOPLASMA E O NÚCLEO NO DESENVOLVIMENTO E NA HEREDITARIEDADE"

O gen não existe. O cromossômio funciona como um todo.
O Citoplasma é mais importante do que o núcleo
na hereditariedade

Cerca de 146 páginas, 27 figuras e bibliografia

Interessantíssimo trabalho da autoria do

Prof. Dr. S. de Toledo Piza Junior

PREÇO: Cr\$ 50,00 — A VENDA NESTA REDAÇÃO